

ARTE, MELANCOLIA E CRIAÇÃO: conceitos, interfaces, pedagogias

Estudante: BETINA FRICHMANN GONÇALVES

Orientadora: SANDRA MARA CORAZA

e-mail: betinaberlin@hotmail.com

Resumo:

Palavras-chave: melancolia, processo criativo, artes visuais, Aristóteles, Benjamin.

Este trabalho discute uma suposta relação entre melancolia e processo criativo. Apresenta o conceito de melancolia em Aristóteles, Benjamin. Apresenta também um histórico da imagem. Discute o processo criativo de estudantes do curso de Graduação de Artes Visuais, no Instituto de Artes da UFRGS, durante as aulas de Desenho da Figura Humana II, no semestre de 2008/1. O trabalho apresenta o processo criativo como uma espécie de perda do controle sobre a criação, que não raro se relaciona a um sentimento de vazio. Descreve o processo de criação a partir de uma seqüência de procedimentos que revelam sofrimento. A produção de dados iniciou na elaboração do plano de aula. As práticas, ao longo do semestre, foram registradas por fotos e diário de bordo pela professora - artista, bem como relatos escritos feitos pelos alunos. Partimos da prática do desenho com modelo vivo, seguida de reflexão oral e posteriormente, escrita. O objetivo desta pesquisa é observar de que modo o artista-estudante se relaciona com o processo criativo e como o sentimento de dor pode ser desmistificado, colaborar com o autoconhecimento, para o reconhecimento do artista como profissional e assim possibilitar para o desenvolvimento de uma sociedade auto-sustentável.

Como artista, quero pensar o fazer artístico e a importância que designo a representação em arte por meio de uma obsessão com as memórias. Quero ressignificar e trazê-las para o debate. Como professora, quero perceber de onde vem o sentimento melancólico que parece acompanhar o processo criativo de estudantes-artistas.

Em 2007, inicio a atividade de professora substituta de desenho no Instituto de Artes da UFRGS. Ser artista e professora é uma grande oportunidade. No ano de 2008 desenvolvo um projeto em arte-educação. Por quatro semestres letivos acompanhei o processo criativo de alguns estudantes do curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Chamou-me a atenção o modo como eles se relacionam com a prática artística. Parece que há sempre um sentimento melancólico no processo criativo. Há um tipo de sofrimento que permeia a produção em arte e que parece acompanhar o artista ao longo da sua carreira. Um tipo de queixa relativa à criação. Por conta da pesquisa sobre a história da melancolia e com os dados

produzidos, fiz algumas observações e a partir dos dados coletados procurei identificar em que circunstâncias, na produção de arte (durante as minhas aulas), o sentimento do melancólico se manifestava e como a interferência do professor-artista poderia contribuir para desmistificar o sofrimento na criação em arte.

Como artista-professora, gostaria de proporcionar a cada estudante, através do processo de criação, em determinado momento, pensar diferente e inventar novos modos de perceber o cotidiano, inclusive o cotidiano do artista profissional e assim provocar um processo de autoconhecimento. Penso que a atenção atribuída ao sofrimento na criação muitas vezes atrapalha o desenvolvimento do estudante. Acredito que esta investigação soma ao desenvolvimento de sistemas pedagógicos em artes, e com isso fortalece o artista-estudante para o futuro profissional bem como contribuir na construção de uma sociedade autosustentável.

Por que se investiu no sofrimento e na melancolia em relação ao processo em arte? O fazer artístico seqüenciado de reflexão, contribui para desmistificar o ato criativo como exclusivo dos “seres de exceção”? Como posso contribuir para o autoconhecimento e conseqüente prática artística dos estudantes de artes visuais?

Como este estudo pode fazer alguma diferença no crescimento artístico deles? Para isso, entre outros, discuto quando e onde iniciou o conceito que relaciona criação e sofrimento e se o artista-estudante costuma ou não, assumir essa posição de “ser de exceção”.

Os estudantes de artes costumam querer soluções prontas, técnicas milagrosas, receitas de sucesso, idéias geniais. Ao se depararem com a realidade do fazer artístico, podem identificar que a criação é obtida através de dedicação. Preocupo-me em poder auxiliar alguns futuros profissionais das artes a acompanharem as transformações do tempo.

Quero compreender, a partir da história, de onde vem o pensamento que liga a melancolia à criação e como o estudante de artes visuais, em fase de graduação na universidade hoje, se relaciona com estes estigmas. É possível criar sem sofrimento?

Procuro refletir de que maneira os procedimentos metodológicos sugeridos em atelier, possibilitam ao artista-estudante conduzir à prática artística seu potencial criador. Fayga Ostrower (artista plástica, educadora do século XX) escreve: os “processos de criação constituem essencialmente, processos de transformação. Assim, toda forma artística será gerada num processo de transformação” (1990 p. 217). Eisner (professor de arte e educação na Universidade de Stanford) identifica quatro tipos de conduta no processo

criativo: “correr riscos, romper os limites, invenção e organização estética” (1978 p.42). Alencar (é especialista na área de criatividade) reitera que a criação não surge no inconsciente de maneira inexplicável, “é fruto de algum tipo de conhecimento; a criação envolve esforço, trabalho e dedicação” (1986, p.17). No que se refere ao ato de criar, há uma tendência, do aprendiz, de fazer algo como uma cópia, receita, e parece muito difícil para o estudante entrar no jogo da criação em artes. Para trilhar o caminho é fundamental o desejo de se conhecer e a partir do seu ponto de vista representar. Para Read (Crítico entre as décadas de 1930 e 1950), o indivíduo “[...] será inevitavelmente singular e esta singularidade, dada ser algo que ninguém mais possui, terá valor para a comunidade. Pode ser apenas uma maneira singular de falar ou de sorrir - mas isso contribui para a variedade da vida. Mas pode ser uma maneira singular de ver, de pensar, de inventar, de expressar o pensamento ou emoção - e neste caso, a individualidade de um homem pode ser de valor incalculável para toda a humanidade” (1958, p.18).

Referências

- ALENCAR**, Eunice Soriano. Criatividade. 2. Ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995.
- BENJAMIN**, Walter. Origem do drama barroco alemão. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BORER**, Alain. Joseph Beuys. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.
- 13
- EISNER, Elliot W.** Creatividad e salud psicologica en la adolescencia. In GUILFORD. Creatividad y educacion. Buenos Aires: Paidós, 1978.
- KRISTEVA**, Julia. Sol Negro. Trad. Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- PIGEAUD**, Jackie. "Apresentação", in Aristóteles, O homem de gênio e a melancolia. O Problema XXX. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1998.
- PEREYSON**, Luigi. Estética. Teoria da formatividade. Petrópolis: Vozes, 1993.
- PETRY KEHRWALD**, Isabel. Processo criativo e ensino da arte: mudanças e permanências. Porto Alegre, 2002. Dissertação de mestrado- Faced- UFRGS.
- READ**, Herbert. A educação pela arte. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- REVISTA DA FUNDARTE**. Montenegro: ano II vol. II, n.4. jul 2002 dez. 2002.
- OSTROWER, Fayga**. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 1983.
- _____. Acasos e criações artísticas. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- SCLIAR**, Moacyr. Saturno nos trópicos: a melancolia européia chega ao Brasil . São Paulo: Companhia da Letras, 2003.
- STEIN**, Ernildo. Melancolia. Ensaios sobre a finitude no pensamento occidental. Porto Alegre: Editora Movimento, 1976.
- TIBURI**, Márcia. In REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA UNISINOS. São Leopoldo: ano I, n.1. 2000.
- VALÉRY**, Paul. Introdução ao Método de Leonardo da Vinci. São Paulo: Editora 34, 1998.